

O COMPORTAMENTO SOCIOESPACIAL DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) NA PANDEMIA: REFLEXÕES COM BASE NA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Luana Vanessa Soares Fernandes¹
Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali²

RESUMO

A nova edição da Classificação Internacional de Doenças (CID 11), em vigor desde fevereiro de 2022, apesar de explicitar que o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) não é doença, declara que as pessoas com autismo possuem déficits persistentes na interação e comunicação social, somado a padrões de comportamento e interesses restritos, repetitivos e inflexíveis, características que, quando não tratadas precocemente, carretam prejuízos ao longo de toda vida. Entre 2019 e 2021, o enfrentamento da pandemia do Coronavírus exigiu isolamento social, situação que atingiu especialmente os indivíduos mais vulneráveis, dentre eles as pessoas com TEA, que tiveram uma quebra abrupta da rotina, justamente uma das maiores dificuldades para esse público. Nesse contexto, este artigo ressalta contribuições que os estudos na área da Psicologia Ambiental (PA) podem oferecer para a compreensão do comportamento socioespacial das pessoas com autismo. Para fundamentar a argumentação foram analisadas 64 *Lives* sobre autismo disponibilizadas na *internet* entre março e agosto/2020, das quais 22 remetem a assuntos relacionados à PA. A análise do material coletado mostrou o potencial da PA para: (i) ajudar a explicar determinados comportamentos presentes no TEA; (ii) sugerir intervenções ambientais que podem ser feitas por profissionais e familiares a fim de reduzir alguns problemas detectados.

Palavras-chave: Autismo. TEA. Comportamento Socioespacial. Psicologia Ambiental. Contexto de Pandemia.

THE SOCIO-SPATIAL BEHAVIOR OF PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD) IN THE PANDEMIC: REFLECTIONS BASED ON ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT

The new edition of the International Classification of Diseases (ICD 11), in force since February 2022, despite explaining that autism spectrum disorder (ASD) is not a disease, declares that people with autism have persistent deficits in social interaction and communication, in addition to patterns of behavior and restricted, repetitive and inflexible interests, characteristics that, if not treated early, lead to losses throughout lifelong. Between 2019 and 2021, facing the Coronavirus pandemic required social isolation, a situation that especially affected the most vulnerable individuals, among them, people with ASD, who faced an abrupt break in routine, which is precisely one of the greatest difficulties for this public. In this context, this article aims to highlight contributions that studies in the field of Environmental Psychology (EP) can offer to the understanding of the socio-spatial behavior of people with autism. To support the argument, 64 lives on autism were analyzed, made available on the internet between March and August/2020, of which 22 refer to issues related to EP. The analysis of the collected material showed the potential of EP to: (i) help to explain certain behaviors present in ASD; (ii) suggest environmental interventions that can be made by professionals and family members in order to reduce some detected problems.

¹ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE). Graduada em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba e Pós-Graduada em Psicomotricidade pela Faculdade Três Marias. E-mail: luavsfe@gmail.com

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, Brasil (2002). Professora Titular - DArq/UFRN da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: gleiceae@gmail.com

Keywords: Autism. ASD. Sociospatial Behavior. Environmental Psychology. Pandemic context.

Data de submissão: 15.04.2022

Data de aprovação: 24.10.2022

INTRODUÇÃO

A Pandemia fez com que, em tempo real, todos precisássemos aprender como nos proteger e como proteger o outro; quais os riscos e o passo a passo para a desinfecção, entre outros novos modos de viver em um mundo diferente do experienciado em décadas anteriores. Diante das dificuldades vivenciadas por todos, surgiram questionamentos a respeito do modo como as pessoas com deficiência, especificamente, as pessoas com autismo estavam se relacionando com o novo ambiente, uma vez que o transtorno dificulta a compreensão das mudanças de rotina, situação que pode ter se tornado extremamente dolorosa, tendo em vista a ausência de previsibilidade e estratégias que estas pessoas precisam. Estaria o ambiente adequado (favorável, confortável) às crianças com TEA, ou ele estava resultando em crises ou dificultando a realização das atividades cotidianas? Aquelas pessoas estavam conseguindo realizar suas atividades diárias? O que mudou com a chegada da Pandemia? O caminho encontrado para responder tais questionamentos se fez diante da busca do conhecimento do TEA na Pandemia, sob a ótica da PA.

Partindo desse quadro geral, o presente artigo é fruto de um recorte em uma dissertação de mestrado, cuja temática se relacionou ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto de Pandemia e como os conhecimentos da Psicologia Ambiental (PA) podem contribuir para a compreensão do comportamento socioespacial das pessoas com autismo. Por si, essa contextualização inicial traz em si a compreensão de TEA e de Psicologia Ambiental, a serem esclarecidas no tópico “desenvolvimento”. O objetivo geral do Artigo é compreender o comportamento socioespacial das pessoas com autismo na Pandemia, especificamente, discorrer sobre as singularidades comportamentais do TEA, apresentar os conceitos da psicologia ambiental e interligar tais conhecimentos por meio de um breve estudo em *lives* publicizadas no período. Tal investigação justifica-se pela necessidade de compreensão por parte das pessoas neurotípicas das particularidades que acompanham o TEA, sobretudo, na questão comportamental e dos atrasos do desenvolvimento que necessitam de apoio para que o sujeito seja autor no meio em que vive, entendendo que o ambiente tem a capacidade de maximizar autonomia, independência e bem estar e minimizar barreiras de aprendizagem, que envolvem comportamentos disruptivos ou crises autistas.

O estudo tem caráter qualitativo, tendo sido idealizado no formato *online/virtual*. A coleta de dados que ilustra a argumentação foi fruto das *Lives* publicizadas na *internet* entre os meses de março e agosto de 2020, as quais conseguiram se popularizar e obter maiores visualizações nos meses de julho e agosto. Como critério de inclusão foram escolhidas: i) *Lives* do *YouTube* que tratassem sobre o autismo no contexto de Pandemia, ii) *Lives* que comentassem sobre o ambiente de forma direta ou indireta. Como critério de exclusão foi definido tratarem-se de *Lives* com caráter formativo sem retratar cotidiano de pessoas com TEA.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: FALANDO NO TEA

Para assimilar o contexto atual do TEA, é necessário entendê-lo desde o seu início, nas quais as discussões se intensificaram em meados da década de 40. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) foi sofrendo atualizações conforme os anos foram passando, da primeira publicação em 1952 até hoje, muitas mudanças foram observadas. Marroco (2017) destaca que o autismo nas duas primeiras versões do DSM era entendido

como um sintoma psicótico, relacionado à esquizofrenia infantil e só no DSM 3/DSM 3-R publicado em 1980 e 1987 que surgiu o conjunto dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, que envolvia o Transtorno Autista. Apenas em 2013, na quinta versão, o DSM 5 nomeou o autismo como conhecemos nos dias de hoje, Transtorno do Espectro Autista, entendendo que se tratava de uma condição multifacetada que estava presente nas crianças desde o seu nascimento e que se manifestava de maneiras diferentes em cada uma.

É importante destacar que, por não se tratar de uma doença, o TEA não tem cura, contudo, a intervenção especializada e comprovada cientificamente é capaz de desenvolver os atrasos, gerar qualidade de vida e um melhor prognóstico para o autista, diante disso, destacam-se as Práticas Baseadas em Evidências (PBEs), que são caminhos eficazes para a modificação do comportamento e desenvolvimento das pessoas com autismo. No decorrer dos anos, as práticas passam por avaliações de eficácia, podendo entrar nas PBEs ou não, de acordo com os resultados publicados e analisados por uma equipe especializada, como destaca Wong et al. (2013) por meio dos protocolos rigorosos adotados para tal.

O *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), ou Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, vem fazendo um levantamento da prevalência do autismo desde o ano de 2004, desde então foi possível observar que os números seguiram aumentando ano a ano, sendo 2004 a prevalência de um caso a cada 166 crianças, em 2006 um a cada 150, em 2008 um a cada 125, em 2010 um a cada 110, em 2012 um a cada 88, em 2014 um a cada 168, em 2016 um a cada 68, em 2018 um a cada 59, em 2020 um a cada 54 e em 2021 um a cada 44. Contudo, no Brasil, o levantamento do autismo não é realizado de forma oficial, por meio do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), portanto, não há como identificar exatamente o número de casos no país, no entanto, sendo uma pauta levantada, possivelmente entrará na próxima pesquisa a ser realizada.

Nós como seres inseridos em um contexto passamos por fases importantes de reconhecimento de si e do espaço, o que nos convém e o que o espaço nos oferece como oportunidade de ação, o que chamamos de tomada de decisão. Contudo, o TEA interfere na percepção ambiental, a partir do momento que as pessoas processam as informações advindas do ambiente de forma diferente, através de falhas nas funções executivas e no processamento sensorial, pois,

Estudos de neuroimagem sugerem um padrão anormal de desenvolvimento cerebral em autistas, com um crescimento acelerado durante os primeiros anos de vida, seguido por uma desaceleração em algumas regiões do cérebro, enquanto em outras áreas há uma parada do crescimento (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004, p. 87).

A partir de tais considerações é que podemos entender de fato como acontece a interação do autista com o ambiente, como discutido no item específico.

2. DESENVOLVIMENTO

Esse tópico será subdividido em três tópicos: da Síndrome de Asperge ao TEA; Contribuições da Psicologia Ambiental; e o contexto pandêmico.

2.1 DA SÍNDROME DE ASPERGE AO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Os estudos a respeito do Autismo ganharam força e visibilidade no ano de 1943, por intermédio do psiquiatra Leo Kanner (ZANINI, 2019), dando continuidade e apresentando contribuições, o pediatra Hans Asperge também estudou casos de crianças com prejuízo nas áreas sociocomunicativas e comportamentais (SCHMIDT, 2017), a partir disso diversas descobertas surgiram para responder as particularidades do TEA, deixando de ser entendido

como Psicose, adotando um caráter de Espectro capaz de comportar indivíduos totalmente diferentes uns dos outros, que não podem ser reconhecidos pelo fenótipo, e o genótipo continua sendo uma incógnita, pois, Russo et al. (2018) afirma que apesar de mais de 900 genes terem sido mapeados, as pessoas não possuem as mesmas mutações nos genes encontrados.

Por ser um transtorno complexo, sem causas específicas, os estudos parecem não ser suficientes, o que justifica a necessidade da disseminação do autismo nas universidades e na sociedade como um todo, não ficando restrito às famílias, tendo em vista que o número de casos vem aumentando de forma alarmante nos últimos anos, passando de 4 a 5 casos dentre 10.000 nascimentos em 1943 nos Estados Unidos (ANDRÉ et al. 2020), para um a cada 44 nascimentos em 2021, de acordo com o (CDC) dos Estados Unidos.

Com o avançar dos estudos, novas definições foram agregando ao termo Autismo, a CID 10 o enquadrava nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), cujo código era o F84, composto por: Autismo Infantil – F84.0; Autismo Atípico – F84.1; Síndrome de Rett – F.84.2; Outro Transtorno Desintegrativo da Infância – F84.3; Transtorno com Hipercinesia Associada a Retardo Mental e a Movimentos Estereotipados – F84.4; Síndrome de Asperger – F84.5; Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento – F84.8; e os Transtornos Globais não especificados do desenvolvimento – F8.9. Com a atualização da CID 10 para a CID 11, que entrou em vigor em janeiro de 2022, a definição se aproximou do DSM 5, na qual a nova CID passou a entender o autismo também como espectro, cuja nomenclatura se resume a TEA e seus níveis, desse modo, uma pessoa laudada Asperger pode ser considerada TEA nível 1 nos dias atuais.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5) em sua 5ª edição classifica o transtorno como aquele caracterizado por

Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014, p. 31).

O CID 11 define o diagnóstico do TEA de acordo com suas variações, podendo ser o autismo com ou sem deficiência intelectual, ainda, com comprometimento ou não na linguagem funcional, cada um com sua numeração específica no manual. Ainda, o TEA possui níveis de gravidade, sendo o 1 composto pelas pessoas que precisam de apoio, mas de forma branda, comparado ao nível 2 que já é preciso um apoio substancial diante das dificuldades de comunicação e interação social já serem entendidas como déficits graves que causam sofrimento em atividades cotidianas e no nível 3, cuja severidade já exige um apoio “muito substancial” (APA, 2014).

O TEA pode e precisa ter apoio das mais diversas áreas de estudo, com vistas a explicar as discussões e conquistar melhores condições de vida para as pessoas e famílias que convivem com o transtorno, dessa forma, a articulação dos conceitos da PA com as condições do autismo é um caminho promissor para disseminação de informação no que diz respeito à relação criança/adulto/autista-ambiente.

2.2 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Como a proposta se encaminha para a compreensão do comportamento socioespacial de pessoas com autismo, a PA foi a área de conhecimento adotada. A PA busca entender as “inter-relações entre pessoas e ambientes” (HOLAHAN, 1982, p. 03), levando em

consideração a relação dinâmica que se estabelece entre o “ambiente sócio físico e o bem estar humano” (STOKOLS; ALTMAN, 1987, p. 01), de modo que

Seu objeto será pessoas-como-seres-sociais-no-ambiente com o objetivo de mudar os comportamentos das pessoas e da sociedade para melhorar o ambiente, melhorando as condições sócio-físicas para facilitar o comportamento ecológico responsável e bem-estar e contribuindo para o avanço em direção à sustentabilidade como novo valor social positivo (POL, 2007, p. 21).

Em sentido amplo, a PA engloba aspectos que se relacionam com as questões subjetivas relacionadas ao ambiente físico (construído ou natural), sendo possível incluir nessa temática variadas possibilidades de investigação, nos quais não só o indivíduo deve ser responsabilizado por agir de uma maneira específica, mas todo o contexto que ele está inserido deve ser compreendido para a delimitação das intervenções necessárias para fomentar uma inter-relação pessoa-ambiente prazerosa e efetiva. Nesse contexto, destaca-se a noção de comportamento sócio-espacial humano (CSEH), que diz respeito ao modo como utilizamos o espaço em nossas relações cotidianas, entendendo-se que “estamos constantemente envolvidos em algum tipo de transação espacial, seja por influência biológica, por influência cultural, ou ambas.” (PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 144).

Nesse campo é essencial comentar algumas noções básicas que podem auxiliar a pensar o modo como uma pessoa autista lida com elas em suas vivências. Dentre elas destacamos: Distâncias Interpessoais (quais são as consideradas mais adequadas para a pessoa com TEA), Espaço Pessoal (como e em que situações o defende), Territorialidade (como lida com ela), Apego ao Lugar e Aglomeração, (como processa sua subjetividade nesse sentido), *Affordances* ambientais (quais os possíveis modo para decodificar o ambiente), *Behavior Settings* (como os estabelece e cumpre seus requisitos), entre outros conceitos que serão melhor especificados a seguir.

Um dos fundamentos do CSEH é o conceito das (Distâncias Interpessoais) (HALL, 1977), que explica o tipo de distâncias que mantemos em relação aos outros nas situações sociais, o que o autor denomina de espaços com características informais, compostos pelas distâncias: i) íntima, ii) pessoal, iii) social e iv) pública.

a) distância íntima - do toque a 45 centímetros: a presença do outro se impõe através do cheiro, do calor do corpo, do ritmo da respiração e do sopro do hálito; b) distância pessoal - de 45 a 125 centímetros: é a distância sem contato que corresponde afastamento mantido espontaneamente pelos indivíduos; c) distância social - de 125 a 360 centímetros: é a distância em que ninguém toca ou espera ser tocado. Com um móvel separando ou em duas poltronas, é o modo comum das pessoas trabalharem ou se reunirem informalmente; d) distância pública - acima de 360 centímetros: a voz adota um estilo formal e o contato com os olhos torna-se opcional (FISCHER; DOMINGUES, 2005, p. 05).

Direcionando tal discussão para o público TEA, estudos realizados por Crowell e Pares (2018), Gessaroli et al. (2013) e Kennedy e Adolphs (2014) indicam que as crianças com TEA demonstram a preferência por distâncias interpessoais maiores, sendo essa característica expressa de forma subconsciente e persistente ao longo da vida, o que resulta na dificuldade em interação ou aproximação dos seus pares. Tal explicação serve para derrubar teorias do senso comum, de que as pessoas com autismo não gostam de contato porque são pessoas sem sentimento ou empatia, pois, o que justifica tal comportamento são as percepções do meio ainda com base na cultura vivenciada.

Por sua vez, o conceito de (Espaço Pessoal) (SOMMER, 1973) diz respeito a um limite invisível à aproximação do outro, também conhecido como a “bolha”, correspondendo a “uma área que os indivíduos mantêm em torno de si mesmos, na qual outras pessoas não podem interferir sem despertar aborrecimento” (MARTÍNEZ-TORVISCO, 2010, p. 103).

Inicialmente, definido perceptivamente em período recente, o conceito encontrou base em aspectos neurológicos, como comentado por seu idealizador:

A Neuropsicologia sugere que o espaço pessoal é regulado pela amígdala cerebral, estrutura que faz parte do sistema límbico e que é encarregada das informações emocionais. Estudiosos dessa área introduziram, também os conceitos de espaço peripessoal, o espaço dentro do alcance da pessoa, e espaço extrapessoal, o espaço fora do alcance da pessoa. Pessoas com alta ansiedade tentam a necessitar de mais espaço peripessoal. Pessoas extrovertidas tendem a preferir distancias interacionais menores do que pessoas introvertidas (SOMMER, 2018, p. 124).

Tal compreensão vai de encontro ao padrão atípico do desenvolvimento dos cérebros das pessoas com TEA, discutido por Gadia, Tuchman e Rotta (2004), de que tal disfunção da amígdala se relaciona diretamente com funções executivas e situações sociais que a pessoa vivencia, já que “o cérebro de uma pessoa autista apresenta falha de comunicação entre os neurônios, dificultando o processamento de informações” (SIQUEIRA et al. 2016, p. 225).

Já a (Territorialidade) funciona como um “organizador do comportamento e da vida humana no nível do indivíduo, das relações interpessoais e da comunidade” (PINHEIRO; ELALI, 2011, P. 151). Inspirado na etologia, o território humano é alvo do sentimento de posse da pessoa; sendo físico e delimitado espacialmente, ele explica a ligação das pessoas com seus ambientes, como a exemplo dos jovens, seus quartos com a disposição dos móveis e objetos da maneira que mais achar confortável e ideal, ou a cozinha da casa que com o tempo adquire uma configuração espacial que necessariamente precisa ser mantida, de acordo com a pessoa que a usa.

Não é a toa que nos sentimos desconfortáveis quando algo muda nosso ambiente, que antes era entendido como espaço, e por meio dos significados e valores que a pessoa atribui a ele, passa a ser entendido como lugar, que na PA significa um espaço carregado de afeto (TUAN, 1983). Essa perspectiva remete-se a outro conceito, o de (Apego ao Lugar), que segundo Elali e Medeiros (2011), engloba tanto as características físico-espaciais do ambiente como os significados simbólicos e afetivos que as pessoas direcionam para esses locais. Refletir sobre tais conceitos nos permite entender a necessidade de algumas pessoas com TEA manterem inalterados os ambientes físicos, assim como a sua dificuldade em lidar com mudanças (sejam elas de rotina, abstratas, ou do ambiente que frequentam), o que envolve não apenas sua inflexibilidade cognitiva, mas também o apego construído com relação a determinados lugares.

Outro conceito da PA que explica o comportamento socioespacial humano é o de (Aglomerção), o qual “refere-se a situações nas quais uma pessoa percebe que sua necessidade de espaço ultrapassa a quantidade de espaço efetivamente disponível” (PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 152). Contudo, é preciso diferenciá-lo do conceito utilizado pelo senso comum, desse modo, aglomeração não se trata de um ambiente cheio de pessoas. Sentir-se aglomerado na PA diz respeito à sensação subjetiva de que tal ambiente está causando a sensação de aglomeração, independente do número de pessoas ou objetos no local, ou seja, para determinada pessoa uma sala com duas pessoas está ideal e confortável, já para uma pessoa autista, pode ser o suficiente para sentir-se aglomerado e incomodado. Isso nos faz refletir o quão difícil pode ser para determinados indivíduos sensíveis aos estímulos ambientais estar presente na sala de aula ou em um auditório.

Affordances (GIBSON, 1986) são as possibilidades de ação presentes no ambiente, imperceptíveis diretamente ao sujeito (MCGRENERE; HO, 2000), mas atuando diretamente no modo como compreendemos e nos relacionamos com o ambiente (GÜNTHER, 2011). É essencial notar que, diante de um mesmo objeto, duas pessoas podem ter percepções diferenciadas; assim, uma criança típica e outra atípica, podem percebê-lo e usá-lo de maneiras distintas, sem modificar a natureza do objeto. No caso das crianças autistas,

podemos destacar o brincar disfuncional, que para as pessoas ao seu redor pode parecer sem sentido, mas que para elas, de certa forma, faz sentido ou gera interesse.

Behavior Settings (BARKER, 1968) são compreendidas como unidades funcionais presentes no ambiente, ligados aos acontecimentos do cotidiano a partir de um olhar ecológico (CARNEIRO, BINDÉ. 1997). Sua compreensão leva em consideração padrões de comportamento em espaço e tempo específicos, alinhados por seus elementos humanos e não humanos, seus limites físicos e temporais, sua sinomorfia e a sequência de eventos que são previstas que aconteçam – o programa (PINHEIRO, 2011). Pensando no contexto de pandemia, os *behavior settings*, antes frequentados pelas pessoas em tempo e espaço determinados, tiveram que ser extintos diante da necessidade de isolamento social, quebra de rotina que afetou sobremaneira as pessoas com TEA, cujas rotinas são vistas como rituais que precisam acontecer. É certo que a flexibilidade deve ser instigada a essas pessoas, mas de maneira controlada para não causar sofrimentos, mas o contexto pandêmico não deixou que isso acontecesse da maneira progressiva, evidenciando que os *settings* dos autistas eram bem estabelecidos e os faziam se sentirem confortáveis no seu cotidiano, com apoio da previsibilidade.

Por fim, o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano indica que as pessoas estão inseridas em diversos sistemas, correspondentes a (Escala Ambientais) e conhecidos como: microsistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema. O ambiente micro, segundo Bronfenbrenner (1996) é aquele imediato em que a pessoa está inserida, facilmente identificado pelo seio familiar, já o meso é a interação que o próprio indivíduo favorece dos ambientes micros que frequenta, ou seja, casa e escola. O exo se caracteriza pelos sistemas ambientais nos quais a pessoa não se envolve nem está presente de forma direta, mas que sofre interferências do que acontece nele, exemplo, emprego dos pais. O macro é formado pela cultura e ideologia que rege os demais sistemas, enquanto que o cronossistema seria a cronologia, o entendimento do momento nos quais os acontecimentos estão evidentes.

Uma característica do TEA que se interliga com o cronossistema é a percepção do que é tempo e de como ele funciona, por exemplo, por ser algo abstrato, o tempo é apresentado de forma visual para os autistas, por meio das pistas visuais e rotinas visuais, no qual o tempo é representado por imagens e é com base nisso que a pessoa se guia nos afazeres cotidianos. Dessa forma, o entendimento do momento que estão vivendo necessita essencialmente de uma intervenção e apoio ambiental para tal. Outra temática dentro das escalas ambientais são as chamadas Transições Ecológicas, que são:

[...]mudanças de papel ou ambiente, que ocorrem durante toda a vida. Exemplos de transições ecológicas incluem a chegada de um irmão mais jovem, a entrada na pré-escola ou na escola, ser promovido, formar-se, encontrar um emprego, casar, ter um filho, mudar de emprego, mudar de casa e aposentar-se (BRONFENBRENNER, 1996, p. 07).

Automaticamente, é importante refletir sobre como se dão essas transições para as pessoas com TEA, tendo em vista que os novos acontecimentos, por serem inesperados, geram ansiedade e quebra da rotina usual. É bastante desafiador, mas com o conhecimento sobre as especificidades do autismo e das mudanças de papel na sociedade, as estratégias para minimização do estresse relacionado a isso devem e podem ser pensadas e colocadas em prática, para que cada vez mais sejam situações menos problemáticas.

2.3 PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Os lares na Pandemia do Coronavírus passaram por diversas modificações, acompanhados pelas diferenças estruturais, sociais e psicológicas dos grupos familiares, o que

resultou na possibilidade de investigar como as pessoas com autismo se comportaram diante de uma mudança abrupta da rotina pela necessidade do isolamento social. Sendo assim, a *internet* ganhou espaço, força e visibilidade como ferramenta essencial para unir pessoas de toda e qualquer parte do mundo, e foram as *Lives* que se popularizaram para disseminar informações valiosas do cotidiano das pessoas. Sejam elas leigas ou especialistas, todas tiveram a oportunidade de pensar juntas e debater sobre as temáticas de interesse, inclusive envolvendo o público TEA,

Essa realidade impôs uma condição de sofrimento para as crianças que por estarem isoladas ficavam cada vez mais estressadas diante do rompimento da antiga rotina. Isso criou uma nova demanda para as mães que agora tiveram que reinventar o dia a dia em casa recorrendo a outras estratégias de lazer que prendessem as crianças numa dimensão lúdica. Todo esse trabalho não poderia ser executado sem um valor de investimento para essas mulheres, sendo assim, a dimensão do tempo e do espaço havia se esvaziado para elas, fazendo surgir a queixa sobre o cansaço da rotina interminável e o excesso de presença dos filhos como fatores que promoviam uma forte angústia (ANDRADE et al. 2021, p. 434).

Sobre isso, entendemos que todas as pessoas precisam de tempo, sobretudo tempo de qualidade, contudo, o confinamento pandêmico conseguiu extinguir essa válvula essencial para o bem-estar. Especificamente nos lares com crianças, o peso das demandas triplicaram, tendo em vista que a rede de apoio também foi extinta, como as escolas, as clínicas e as atividades diversas.

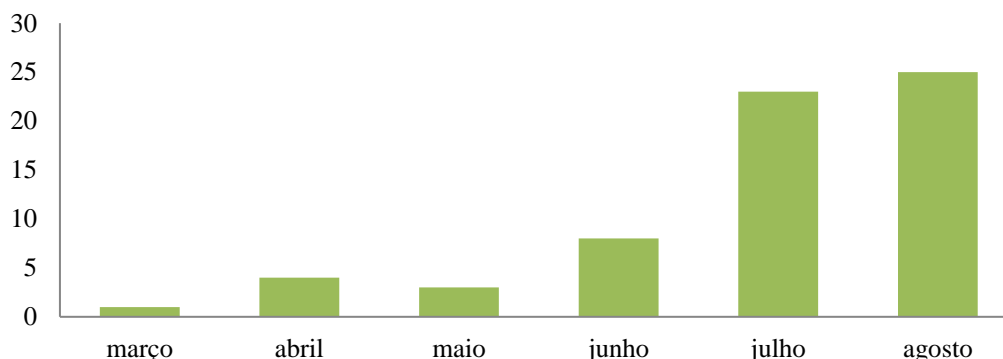
Direcionando a discussão para a pessoa autista, adequações ambientais precisaram ser feitas, como o uso de apoios visuais para estruturar a nova rotina, modificações na disposição dos móveis para atender as necessidades dessa pessoa, como exemplo, um espaço adequado e que proporcionasse o mínimo de conforto e concentração para demandas escolares, ou, a utilização de objetos da própria casa em busca da acomodação sensorial para evitar ou cessar os excessos de estímulos que os autistas estavam recebendo em um ambiente, muitas vezes, aglomerado. É importante lembrar que tais adequações não surgiram especificamente por causa da Pandemia, mas para as famílias que não têm apoio de equipes multidisciplinares, tais conhecimentos só foram acessados nesse momento emergencial.

Ainda relacionado à condição imposta pela Pandemia para que houvesse o isolamento social, algumas pessoas se viram em um verdadeiro confinamento, sem contato com o meio externo, o que acarretou estresse e prejuízos na qualidade de vida. Em relação a isso, na PA podemos destacar os Ambientes Restauradores (KAPLAN; KAPLAN, 1989), que são “capazes de restabelecer os indivíduos afetados pelo processo psicofisiológico de estresse” (GRESSLER; GÜNTHER, 2013, p. 487). Os ambientes naturais, como parques, praças, praias, bosques e trilhas são os responsáveis pela ação restauradora, e diante do isolamento social, o simples olhar pela janela e contemplar a natureza, ou estar em contato com plantas, poderia ajudar as pessoas nesse processo. Contudo, tais práticas não costumam ser postas em prática já que, na maioria das vezes, não se tem o conhecimento dos benefícios.

Um estudo realizado por Pengelly, Rogers e Evans (2009), propôs a instalação de um cômodo no ambiente doméstico direcionado para fuga e regulação sensorial das pessoas com TEA, e há mais de 10 anos chegaram a conclusão que esse cômodo extra ajudou os participantes a lidarem com frustrações, sobrecargas sensoriais e momentos de crises, assim como auxiliou os pais na regulação do estresse. Assim sendo, essa se tornou uma alternativa indispensável para adequação de um lar de crianças e adultos autistas que precisam de uma válvula de escape para alcançar o bem-estar, que no momento da pandemia poderia ter contribuído para a diminuição do sofrimento.

3. TABELAS, FIGURAS, GRÁFICOS, FLUXOGRAMAS

Gráfico 1- Meses de veiculação das 64 *lives* sobre o TEA localizadas no *YouTube* entre os meses de março e agosto de 2020.



Fonte: própria autora.

Quadro 1 – Informativo contendo informações das 22 *lives*, que dentre as 64, trataram sobre assuntos relacionados à PA.

| Título | Tempo | Mês | Resumo da parte que envolve a PA |
|--|----------|-------|---|
| 1) Aprendendo com os autistas: isolamento social | 00:58:12 | Março | A concentração das atividades em apenas um ambiente (o doméstico), que precisa ser seguro, acima de tudo, e a importância da estruturação de uma agenda visual para os autistas. |
| 2) Os desafios de Pais de Autista em tempos de quarentena | 01:10:58 | Abril | Readaptou o quintal para colocar uma ducha para o filho e comenta sobre a necessidade de um espaço como esse. |
| 3) Autismo e Isolamento Social - Novo contexto e desafios durante Pandemia | 00:44:31 | Abril | Tempo de rendimento acadêmico num contexto doméstico e dicas para a estruturação do ambiente da casa. |
| 4) Agendas de rotina para autistas | 01:13:45 | Maior | Agenda como suporte visual para organizar e guiar as ações da pessoa em qualquer ambiente. |
| 5) Autismo em Tempos de Pandemia | 00:44:18 | Maior | Readaptação da terapia para o ambiente domiciliar na pandemia. |
| 6) Autismos: quais invenções possíveis em tempos de pandemia? | 02:09:25 | Junho | Atendimento virtual durante a pandemia; como usar o ambiente doméstico para continuar as estimulações. |
| 7) Adaptações curriculares para autistas na quarentena: | 01:32:02 | Junho | A ausência de um ambiente escolar, mas a transformação do ambiente doméstico em um ambiente educacional; transições no ambiente de pandemia e reestruturação e organização do mesmo com pistas visuais. |
| 8) Apresentamos: Painel Online - Autismo e Doenças Raras: Dicas práticas durante a pandemia. | 00:52:17 | Junho | A utilização de pistas visuais para guiar atividades em casa |
| 9) Como ajudar o autista a superar a Pandemia (Live) | 01:00:30 | Julho | Adaptação da casa com mobiliários que regulem a criança sensorialmente (cantinho sensorial), reorganizar o espaço de casa para não desorganizar a criança que tem família grande. |
| 10) Autismo em tempo de pandemia: um luto às avessas | 01:31:22 | Julho | Cuidar e transformar o ambiente de casa para proporcionar bem estar. |

| | | | |
|--|----------|--------|---|
| 11) O caminho inverso da socialização para autistas nesta pandemia | 01:15:58 | Julho | Socialização e a importância de levar os autistas para ambientes públicos, para que aos poucos eles passem a se comportar de forma adequada; uso de pistas visuais no ambiente doméstico e a sensibilidade autista. |
| 12) Live Autismo em Tempos de Quarentena (com Tiago Abreu) - 14 de julho de 2020. | 01:10:30 | Julho | Mais uma live que o quintal é apontado como lugar de bem estar e apartamentos recebem críticas, foi falado também a necessidade de organização do quarto na hora de dormir. |
| 13) Live "Transtorno do Espectro Autista" | 01:07:12 | Julho | Adequação do ambiente para festas que autistas estarão presentes; Sensibilidade autista e processamento sensorial em um ambiente com muitos estímulos; E as barreiras ambientais para a inclusão. |
| 14) Live: Integração sensorial no Autismo | 00:59:56 | Julho | Fala sobre o atuar no ambiente e excesso de estímulos do mesmo. |
| 15) Live - Precisamos falar sobre o autismo | 1:28:58 | Julho | Adequação ambiental e apoio visual para a realização de demandas em casa |
| 16) Live - Autismo: Conhecer para Reconhecer!! | 00:59:57 | Julho | Fala sobre organização do espaço físico na escola e a possibilidade de adequar em casa também |
| 17) Live com dois autistas adultos | 00:52:58 | Julho | Como melhorar as crises autistas em casa e a jovem autista comenta sobre suas características que remetem à cognição ambiental. |
| 18) Live Entendendo o Autismo | 00:56:29 | Agosto | Fala sobre as atividades escolares serem desenvolvidas em um novo ambiente |
| 19) Live Psicomotricidade e Autismo 2 - live Fabi Biazus e Juliano Padilha | 00:49:42 | Agosto | Adequação ambiental com pista visual para auxiliar no uso do vaso sanitário |
| 20) Live sobre autismo com gabriel | 00:59:39 | Agosto | A mãe comenta não desenvolver apego pelo lar e sentir a necessidade de se mudar constantemente e fala sobre a sensibilidade sonora do filho que resultou em uma crise grave |
| 21) Live: Comportamento e habilidades sociais no Transtorno do Espectro Autista | 01:19:58 | Agosto | Fala sobre adequação ambiental com pistas visuais. |
| 22) AUTISMO em Tempos de PANDEMIA LIVE Completa com Centro Educacional Arco Iris | 00:56:06 | Agosto | Adequação ambiental com rotina visual e previsibilidade concreta, adequação do espaço doméstico para um local de estudos, inclusive comentando sobre conforto acústico, adequações para regular sensorialmente a criança em casa. |

Fonte: própria autora

Tabela 1 – Identificação das cinco *lives* selecionadas que passaram pela análise de conteúdo.

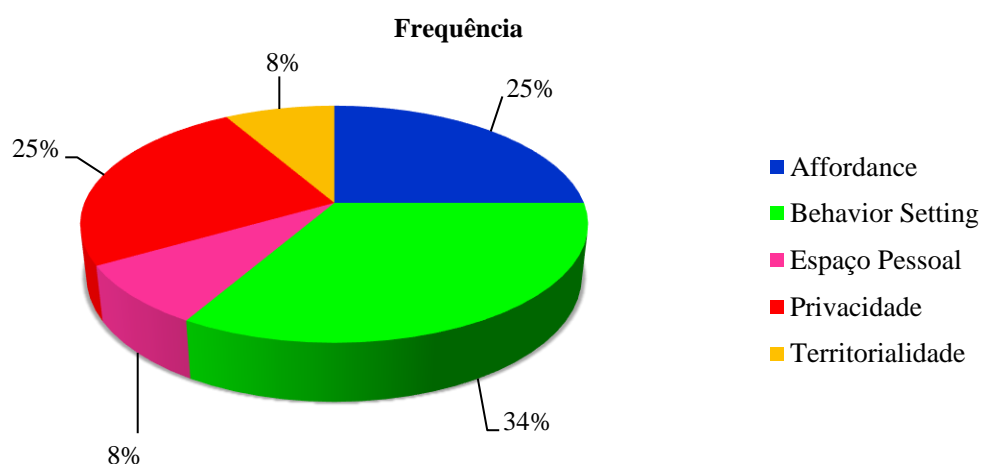
| <i>Live</i> | Identificação | Mês que foi ao ar | Visualizações (até abril/2022) | Duração |
|---|----------------------|--------------------------|--|----------------|
| AUTISMO em Tempos de PANDEMIA LIVE Completa com Centro Educacional Arco Iris | <i>Live 1</i> | Agosto | 203 | 00:56:06 |
| Adaptações curriculares para autistas na quarentena! | <i>Live 2</i> | Junho | 1.691 | 01:32:02 |
| Aprendendo com os autistas: isolamento social | <i>Live 3</i> | Março | 107 | 00:58:12 |
| Como ajudar o autista a superar a Pandemia (Live) | <i>Live 4</i> | Julho | 447 | 01:00:30 |
| Autismos: quais invenções possíveis em tempos de pandemia? | <i>Live 5</i> | Junho | 1.778 | 02:09:25 |

Fonte: própria autora

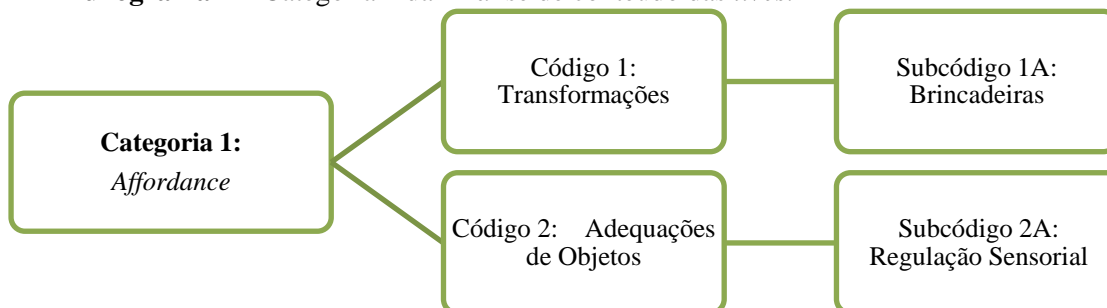
Tabela 2 – Número da frequência dos termos localizados nas *lives* após análise de conteúdo.

| CÓDIGO | FREQUÊNCIA |
|-------------------------|------------|
| <i>Affordance</i> | 03 |
| <i>Behavior Setting</i> | 04 |
| Espaço Pessoal | 01 |
| Privacidade | 03 |
| Territorialidade | 01 |
| TOTAL de menções | 12 |

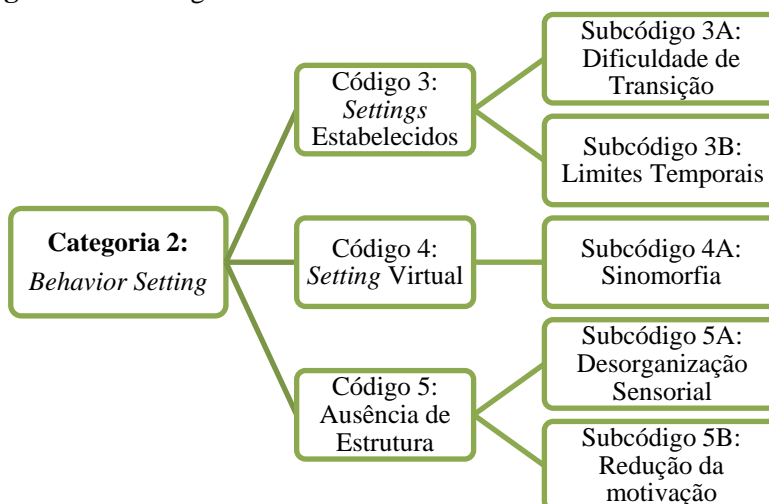
Fonte: própria autora.

Gráfico 2 – Porcentagem do que foi mais e menos comentado sobre a PA nas lives

Fonte: própria autora.

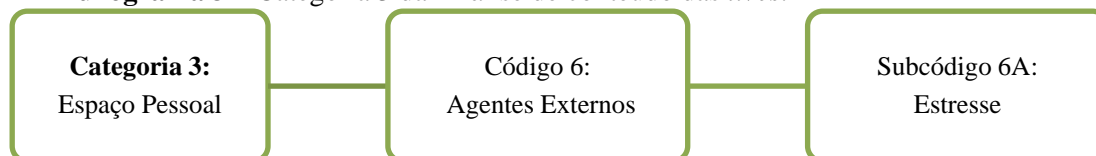
Fluxograma 1 – Categoria 1 da Análise de conteúdo das *lives*.

Fonte: própria autora

Fluxograma 2 – Categoria 2 da Análise de conteúdo das *lives*.

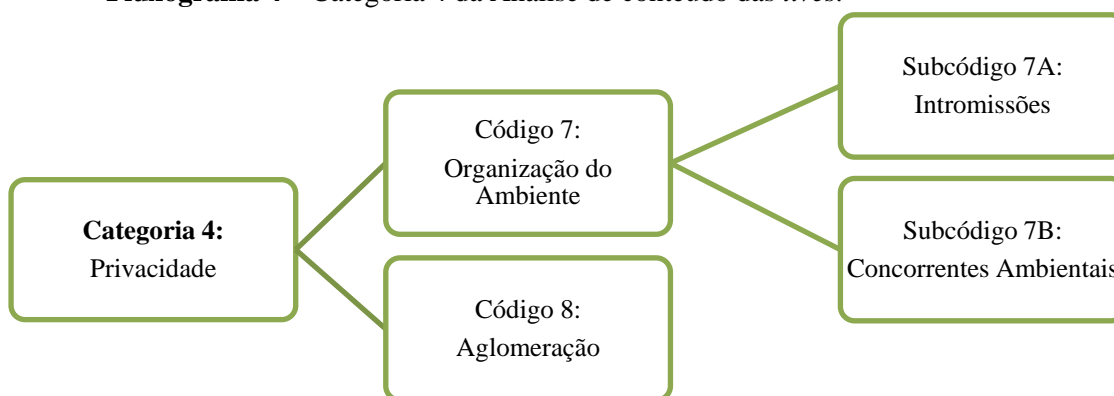
Fonte: própria autora.

Fluxograma 3 – Categoria 3 da Análise de conteúdo das *lives*.



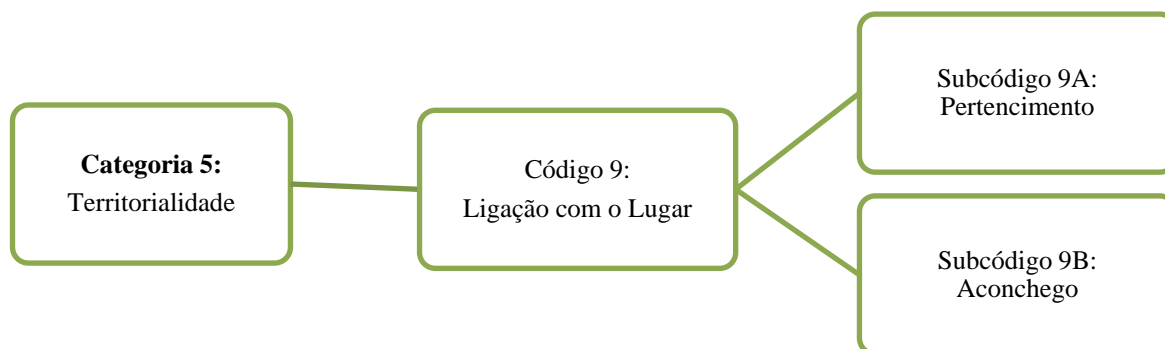
Fonte: própria autora.

Fluxograma 4 – Categoria 4 da Análise de conteúdo das *lives*.



Fonte: própria autora.

Fluxograma 5 – Categoria 5 da Análise de conteúdo das *lives*.



Fonte: própria autora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas resultaram em 64 *lives* (Gráfico 1) que tinham como temática principal o TEA na Pandemia, todo material foi assistido e seus eventos críticos (POWELL; FRANCISCO; MAHER, 2004) foram transcritos para realização da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2015). O passo a passo da Análise de Conteúdo consistiu em: 1) realizar pré-análise das *lives*; 2) explorar o material e realizar a codificação para verificar as frequências e ausências das temáticas; e 3) tratar os resultados (categorização, inferências e interpretações), com base na literatura TEA e PA.

Das das 64 lives localizadas, apenas 22 (Figura 1) comentavam sobre algum aspecto do ambiente sócio físico, comportamento socioespacial ou de modo a traduzir conceitos da Psicologia Ambiental (PA), mesmo que tais temas não fossem comentados diretamente (sendo essa apuração possível provocada pela imersão da autora na temática ambiental e no campo das interações pessoa-ambiente), as principais temáticas dos trechos das *lives* versavam sobre:

- Presença da pessoa com autismo em ambientes públicos;
- Adequação de ambientes com pistas visuais;
- O processamento sensorial e a sensibilidade autista;
- Acesso a ambientes abertos (jardins, quintais), para garantir bem-estar em períodos de isolamento;
- Adequações ambientais, como a do quarto para promover a melhora do sono;
- Ambientes superestimulantes;
- Organização do espaço físico;
- Como melhorar e prevenir as crises em casa;
- Ambiente de casa como novo ambiente para atividades escolares;
- Mobiliários que ajudam na regulação das crianças com TEA;
- A agenda como guia da pessoa com TEA nos ambientes;
- Readaptações das terapias que eram presenciais, para o ambiente doméstico;
- Segurança para o ambiente doméstico, sobretudo na Pandemia.

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2015) foi realizada especificamente com o material coletado e transcrito de cinco *lives* (Tabela 1), as mesmas foram escolhidas sob critérios de inclusão: (i) ser falada em português e dirigida a brasileiros; (ii) ter ocorrido entre março e agosto de 2020 e ser mantida *online* para novas consultas; (iii) ter temática principal voltada para o cotidiano das crianças autistas; e sob critérios de exclusão: (i) ter caráter exclusivamente médico ou do âmbito do direito; (ii) ser realizada com caráter de aula online, sem retratar o cotidiano dos autistas. A quantidade (cinco) justifica-se por tratar-se de um estudo qualitativo, que não comporta “grandes universos de pesquisa e seu espaço é muito mais o de aprofundamento do sentido das ações e muito menos o de explicação da magnitude dos fenômenos” (MINAYO; COSTA, 2018, p. 151).

Do material coletado foi possível categorizar as falas com base nas temáticas ambientais que envolvem os *Affordances*, os *Behavior Settings*, o espaço pessoal, a privacidade e a territorialidade (Tabela 2), sendo possível constatar maior frequência sobre *Behavior Setting*, e tendo o Espaço Pessoal e a Territorialidade como as menos comentadas (Gráfico 2). A partir disso, as categorias, os códigos e subcódigos foram organizados em fluxogramas (Fluxograma 1-5) para melhor compreensão, do que cada uma envolvia.

A categoria de *Affordance* (Fluxograma 1) retratou a necessidade de transformação do meio em que as crianças com TEA estavam inseridas na Pandemia, com principal iniciativa dos pais, devendo por meio das adequações proporcionar espaços e objetos para a realização de brincadeiras e regulação sensorial, devido à necessidade de estimulação precoce e constante no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades diversas, sejam elas básicas, de linguagem, cognitiva, sensoriais entre outras que estão em déficit nas crianças autistas. Ou seja, fora do ambiente clínico, as intervenções precisaram continuar em casa, muitas vezes, com o que já tinha nos lares à disposição, pois houve períodos de lojas e comércios fechados, causando dificuldade ao acesso de objetos específicos. Abaixo temos um trecho identificado em uma das *lives* (Tabela 1) remetendo-se aos *Affordances*, uma vez que diante da extinção do *setting* terapêutico, o lar precisou de adequação:

Aqui a gente tem a malha, onde organiza a criança que eu trabalho o sistema vestibular da criança que é o balançar, o que os pais podem fazer em casa? Colocar essa criança numa rede [...] e com movimentos lineares, devagar, vai fazer a criança

acalmar, eu tenho também um pula-pula que é mais difícil os pais terem em casa, mas, pode colocar a criança pra pular um pouquinho em cima da cama, isso tudo trabalha, é, o sistema vestibular da criança que é essa parte do balançar, essa parte de movimento corporal, e isso acalma as crianças autistas [SIC] (Trecho *Live 4*).

Já a categoria de *Behavior Setting* (Fluxograma 2) trouxe à tona a veracidade no que diz respeito à necessidade de ambientes bem estruturados e estabelecidos para pessoas com TEA, com espaço e tempo pré-determinados diante da rigidez cognitiva. A Pandemia tragicamente causou a ausência dessa estrutura, resultando em desorganizações sensoriais, crises e redução da motivação para realização de atividades, principalmente com o surgimento do *setting* virtual, que colocou à prova a existência ou não de sinomorfia nos ambientes que precisaram ser pensados para a criação da nova rotina, sobretudo a rotina acadêmica, haja vista que as crianças se deslocavam para a escola em horário específico e faziam atividades específicas, as quais precisaram ser transportadas esse *setting* para o lar, sendo o antigo extinto, pela carência do espaço e do tempo.

Na falta de estrutura a gente leva a desorganização, então quanto mais a gente consegue provocar esse nível de organização, mais a gente entra numa organização da pessoa com relação a suas relações com o ambiente, ambiente é tudo o que tá acontecendo, todas as pessoas que tão em volta, todos os equipamentos que estão sendo usados, os antecedentes que estão por ali, o que ele faz e o que ele ganha com isso, então a gente não pode esquecer de montar essa relação quando a gente tá falando de estrutura, é esse contexto de estrutura que a gente vai levar! [SIC] (Trecho *Live 2*).

Eu tinha um estudante, por exemplo, que quando colocava o uniforme ele já ia bonitinho pra escola, só que quando chegava em casa tinha que tirar o uniforme, porque em casa não é lugar de uniforme, e aí a mãe queria fazer a tarefa com ele da escola, mas ele não aceitava, ele pegava o uniforme e mostrava pra mãe, como querendo dizer assim, não, tarefa é só na escola, só quando eu coloco uniforme [SIC] (Trecho *Live 3*).

A categoria de Espaço Pessoal (Fluxograma 3) chamou bastante atenção para agentes externos, causadores de estresse, que com o isolamento social e a concentração das famílias por períodos mais longos em casa, poderíamos ter ideia do quão sensível ou não é a “bolha” que acompanham as crianças com TEA. E a categoria de Privacidade (Fluxograma 4), que se refere à “possibilidade de controle da interação social” (Campos-de-Carvalho & Souza, 2008, p. 35), de forma complementar, trouxe discussões a respeito da necessidade da organização ambiental, para evitar ou minimizar o máximo possível a sensação de aglomeração para os autistas, por meio da organização de um ambiente que seja capaz de barrar intromissões e concorrentes ambientais. Por fim, a categoria de Territorialidade (Fluxograma 5) discutiu sobre a ligação das pessoas com o lugar, o sentimento de pertencimento e aconchego, tão necessário para sobreviver ao momento de quebra de rotina, de perdas e de angústia, trazidos pela Pandemia do Coronavírus, como destacados a seguir:

A Júlia disse que o filho dela gosta de ficar sozinho ele não gosta de multidão, então imagina um autista que a família é grande e a maioria das pessoas têm que estar em casa necessariamente, porque o trabalho dispensou, porquê enfim, “n” situações, ou mesmo os irmãos dessa criança que antes iam para a escola regular e agora convivem todos no mesmo lugar, então pra essas famílias maiores, que há mais pessoas e quando o autista não gosta de pessoas por perto, como resolver? [SIC] (Trecho *Live 4*).

Vai ter que ter sempre o cantinho dele pra não deixar essa criança entrar em crise, eu oriento os pais aqui das nossas crianças a ter um cantinho sensorial, o que é isso? Perceber o que vai organizar essa criança e ter em casa, isso que eu falei agora, no caso vamos supor, do almofadão, se é uma criança que gosta de estar no almofadão pra se acalmar, ter lá no quarto da criança, um poof, alguma coisa assim, que ele

percebe que vai tá ali, ele vai aconchegar, ele vai conseguir centrar de novo de alguma coisa que tirou ele meio que do eixo [SIC] (Trecho *Live* 4).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das explanações foi possível observar que não só aspectos relacionados ao comportamento socioespacial humano foram localizados nas *Lives*, mas demais conceitos da PA, muitas vezes não conhecidos, mas que explicam a inter-relação da pessoa com o ambiente. Foi significativo alcançar os objetivos de compreender o comportamento das pessoas com autismo na Pandemia, pela imersão das temáticas discutidas, interligando fatos e casos da vida real das famílias e dos autistas com os conceitos da literatura, sobretudo, enxergar que conseguimos entender o cotidiano com embasamento teórico. E isso só foi possível pelo apoio da ferramenta virtual, a *internet*, que aproximou as pessoas e proporcionou rodas de conversas, explanações e encontros nos momentos críticos de isolamento social, por meio das *Lives*.

Com base nos questionamentos levantados no início do artigo, evidenciaram-se as dificuldades que as pessoas com TEA estavam enfrentando com o “novo normal”, como estava deficitária a relação dos mesmos com o ambiente que precisou ser modificado e adequado para atender suas necessidades, antes sanadas/trabalhadas em ambientes escolares e terapêuticos.

Durante os estudos, algumas inquietações surgiram relacionadas a quais famílias tinham acesso a terapias, assim como, quem tinha acesso à *internet*? Chegando a dura conclusão que muitas famílias seguem sem saber como lidar com as necessidades específicas dos seus familiares com TEA, principalmente pessoas que estão na linha da pobreza e não possuem meios para adquirir informação e tratamento de qualidade, evidenciando mais uma vez a necessidade de levantamento do número de autistas no Brasil, para que seja possível a criação de Políticas Públicas que atendam as demandas dessa população invisível, sendo essa uma sugestão de estudos futuros, almejando a busca pela evidência do autismo no país.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Artmed Editora. 5ª ed. Porto Alegre, p. 01-948, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ANDRADE, Julyana Lima Vasconcelos *et al.* “Água de Chocalho” em Rede: Roda de Conversa Online Com Famílias de Crianças Autistas Durante A Pandemia de COVID-19. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 1, p. 429-437, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19661/pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ANDRÉ, Tatiane Geralda *et al.* Prevalencia del trastorno del espectro autista: una revisión de la literatura. *Jóvenes en la ciencia*, v. 7, 2020. Disponível em: <<https://www.jovenesenlaciencia.ugto.mx/index.php/jovenesenlaciencia/article/view/3204/2695>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edição Revista e Atualizada. Editora: Presses Universitaires de France. Lisboa. Portugal. 281 f. 2015.

BARKER, Roger Garlock. **Ecological psychology**: Concepts and methods for studying the environment of human behavior. Stanford: Stanford U Press. 1968.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara.; SOUZA, Tatiana Noronha de. Psicologia ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil: integração possível? **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, p. 25-40, 2008.

CAREGNATO, Rita Catalino Aquino.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, 15(4), p. 679-684, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26476055_Pesquisa_qualitativa_analise_de_discurso_versus_analise_de_conteudo>. Acesso em: 15 abr. 2022.

CARNEIRO, Clarisse.; BINDÉ, Pitágoras José. A Psicologia Ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 2, p. 363-376, 1997.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/epsic/a/fP49sbmpS5WxwYpkDSnjLwL/?format=pdf&lang=pt.>>.

Acesso em: 15 abr. 2022.

CROWELL, Ciera.; PARÉS, Narcis. Variations between perceptions of interpersonal distance in virtual environments for autism. **Anais Annual Symposium on Computer-Human Interaction in Play Companion**. Extended Abstracts of the. p. 415-421, 2018. Disponível em: <<https://dl.acm.org/doi/10.1145/3270316.3271537>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ELALI, Gleice Azambuja.; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó. Apego ao lugar (Vínculo com o lugar/Place attachment). In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. p. 53-62. 2011.

FISCHER, Janine Kuroski.; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Comunicação não-verbal em sala de aula: análise do corpo docente em um programa de pós-graduação-stricto sensu. **Anais V colóquio internacional sobre gestión universitária em américa del sur**. Mar del Plata. p. 1-17. 2005. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/97002>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GADIA, Carlos.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

GESSAROLI, Erica.; SANTELLI, Erica.; DI PELLEGRINO, Giuseppe, e FRASSINETTI, Francesca. Personal space regulation in childhood autism spectrum disorders. **PloS one**, 8(9), p.01-08. 2013. Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24086410/#:~:text=Moreover%2C%20personal%20space%20shrunk%20after,both%20its%20size%20and%20flexibility>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GRESSLER, Sandra Christina.; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Ambientes restauradores: definição, histórico, abordagens e pesquisas. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 18, p. 487-495, 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/epsic/a/h4t9nkcPW4Srq7WX7P8dQsf/abstract/?lang=pt#:~:text=Pesquisas%20sobre%20ambientes%20restauradores%20investigam,arquitetura%20e%20o%20planejamento%20urbano>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GÜNTHER, Hartmut. *Affordance*. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Organização Sylvania Cavalcante e Gleice Azambuja Elali. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 21-27. 2011.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1977.

HOLAHAN, Charles. Environmental Psychology. **Annual Review of Psychology**. p. 381-497, 1986.

KAPLAN, Rachel.; KAPLAN, Stephen. **The experience of nature: A psychological perspective**. New York: Cambridge University Press. 1989.

KENNEDY, Daniel.; ADOLPHS, Ralph. Violations of personal space by individuals with autism spectrum disorder. **PloS One**, 9 (8), p. 01-10, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4123873/#:~:text=In%20Study%201%2C%20using%20parent,others%20compared%20to%20their%20unaffected>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MAROCCO, Vanessa. **Herdeiros da humanidade: o fenômeno sujeitos com autismo**. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/35610368/Herdeiros_da_Humanidade_o_fen%C3%B4meno_sujeitos_com_autismo>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MARTÍNEZ-TORVISCO, Juan. Espacio personal y ecología del pequeño grupo. In: **Introducción a la psicología ambiental**. Organización Juan Ignacio Aragonés e María Américo. p. 99-117. Editora Pirâmide, 2010

MCGRENERE, Joanna.; HO, Wayne. *Affordances: Clarifying and evolving a concept*. **Graphics interface**, p. 179-186. 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/221474920_Affordances_Clarifying_and_Evolving_a_Concept>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília De Sousa.; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, 40, p. 139-153, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/349/34958005002/34958005002.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **ICD-10 / ICD-11 Mapping Tables**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/Downloads/Download?fileName=mapping.zip>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

PENGELLY, Sue.; ROGERS, Phil.; EVANS, Kerri. Space at home for families with a child with autistic spectrum disorder. **British Journal of Occupational Therapy**, 72 (9), p. 378-

383. 2009. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/030802260907200902>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

PINHEIRO, José Queiroz. *Behavior Setting*. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Organização Sylvia Cavalcante e Gleice Azambuja Elali. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 83-97), 2010.

PINHEIRO, José Queiroz.; ELALI, Gleice Azambuja. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Comportamento socioespacial humano. Organização Sylvia Cavalcante e Gleice Azambuja Elali. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. p. 144-158, 2011.

POL, Enric. Blueprints for a History of Environmental Psychology (I): From First Birth to American Transition. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, 7(2), p. 95-113, 2006.

POL, Enric. Blueprints for a History of Environmental Psychology (II): From Architectural Psychology to the challenge of sustainability. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, 8(1-2), p. 1-28, 2007.

POWELL, Arthur.; FRANCISCO, John.; MAHER, Carolyn. Uma abordagem à análise de dados de vídeo para investigar o desenvolvimento das ideias matemáticas e do raciocínio de estudantes. **Bolema-Boletim de Educação Matemática**, v. 17, n. 21, p. 81-140, 2004.

Disponível em:

<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/10538>>.

Acesso em: 15 abr. 2022.

RUSSO, Fabiele Baldino *et al.* Modeling the interplay between neurons and astrocytes in autism using human induced pluripotent stem cells. **Biological psychiatry**, 83(7), p. 569-578. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29129319/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SCHMIDT, Carlo. Autism spectrum disorders: Where we are and where we are going. **Psicologia em Estudo**, 22(2), p. 221-230. 2017.

SIQUEIRA, Carolina Carvalho *et al.* O Cérebro Autista: 221 A Biologia Da Mente E Sua Implicação No Comprometimento Social. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 221-237, 2016.

Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/64>>.

Acesso em: 15 abr. 2022.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal, as bases comportamentais de projetos e planejamentos**, São Paulo: EPU/Edusp, 1973.

_____. Espaço Pessoal. In: **Psicologia Ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Organização Sylvia Cavalcante e Gleice Azambuja Elali. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 119-126, 2018.

STOKOLS, Daniel.; ALTMAN, Irwin. **Introduction. Handbook of Environmental Psychology**. New York. p. 01-04, 1987.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

WONG, Connie *et al.* **Evidence-based practices for children, youth, and young adults with Autism Spectrum Disorder**. Chapel Hill: The University of North Carolina, Frank Porter Graham Child Development Institute, Autism Evidence-Based Practice Review Group, 2013. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25578338/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ZANINI, Andressa Rigo de Queiroz. **Autismo: compreensão e tratamento a partir de diferentes abordagens teóricas**. (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, 2019. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6668#:~:text=O%20presente%20estudo%20buscou%20compreender,portugu%C3%AAs%20nos%20%C3%BAltimos%205%20anos>>. Acesso em: 15 abr. 2022.